

Imagenologia, imaginologia, imagiologia, exame de imagem

Imageologia, imageológico, imagenologia, imagenológico, imaginologia, imaginológico são neologismos ainda inexistentes nos dicionários, mas presentes em artigos médicos atuais, o que os torna fatos da língua e, assim, são de uso legítimo. No entanto, em linguagem científica, a coexistência de muitos nomes para designar uma coisa pode causar questionamentos, sobretudo por ambiguidades e obscuridades. É oportuno fazer considerações sobre formação vocabular quando se deseja um termo de preferência para uso formal, embora não tenha de ser o exclusivo.

Terminologia

Imagenologia e imagenológico são nomes bem formados, já que se derivam de imagem e dos étimos latinos *imago*, *imagine* ou *imaginis*, que deram quase todos os vocábulos com essa raiz vocabular: imaginar, imaginação, imagicídio, imaginário, imaginante e semelhantes. É relevante observar que o elemento *imagin-* está na maioria dos derivados: *desimaginado*, *desimaginar*, *desimaginativo*, *desimaginável*, *desimaginoso*; *imaginação*, *imaginado*, *imaginador*, *imaginal*, *imaginante*, *imaginar*, *imaginária*, *imaginário*, *imaginativa*, *imaginativo*, *imaginável*, *imagineiro*, *imaginismo*, *imaginista*, *imaginística*, *imaginístico*, *imaginoso*, *inimaginável*.

Além disso, a maioria dos nomes latinos terminados em *-ginis* mantêm o grupo *gin* na maioria de seus derivados na língua portuguesa: *albugo*, *albuginis* (albugineo, albuginite, albuginoso); *ferrugo*, *ferruginis* (ferruginoso, ferrugíneo); *intertrigo*, *intertriginis* (intertriginoso), *lanugo*, *lanuginis* (lanuginoso), *lentigo*, *lentiginis* (lentiginoso); *margo*, *marginis* (marginal, marginar, marginalidade); *origo*, *originis* (originário, originar, original), *porrigo*, *porriginis* (porriginoso), *prurigo*, *pruriginis* (pruriginoso), *vertigo*, *vertiginis* (vertiginial, vertiginoso), *virgo*, *virginis* (virginal, virgindade, virginalizar), *vilitigo*, *vilitiginis* (vilitiginoso). O grupo *imagin-* configura origem erudita. De regra, os elementos de

composição nas palavras da língua portuguesa têm origem e formação eruditas, o que convém à linguagem acadêmica em que se preza o estilo cartesiano.

Imagenologia e imagenológico são termos também amplamente vistos na literatura médica conforme se observa nas páginas de busca da rede mundial de computadores. Mas o elemento de composição *imagen-* é talvez exclusivo desses dois termos e é desconforme ao étimo latino. Assim, o termo *imagenologia* está em grafia não erudita e, assim, é questionado como forma preferencial.

Imageologia e imageológico são nomes que trazem *image-* como elemento de composição. Nesse caso, ocorre mutilação desse antepositivo. Bons dicionários dão registros de outras derivações com esse elemento: *imageação*, *imageado*, *imagear*, *imageática*, *imageático*. No Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras, edição de 1999, só há três palavras com o radical *image-*. (*imagear*, *imageação*, *imageado*)> Na edição de 2009, apenas aparece *imageático* (refere-se àquilo que se exprime por imagem), o que indica como preferenciais as formas com os elementos *imagi-* ou *imagin-*.

Imagiologia e imagiológico trazem o antepositivo *imagi-* em conformidade com a norma de uso dos elementos de composição de origem latina, isto é, terminam regularmente com a vogal “i”, como em hortifrutigranjeiro, latifúndio, alvinegro. Nesse quadro, o antepositivo deveria ser *imagini-*, mas esse elemento inexistente no léxico. Em latim, há *imago*, a imagem, que dá o elemento *imagi-*. Mas a forma *imaginis* é mais apropriada, já que significa da *imagem*, elemento restritivo, ou genitivo, mais conforme ao sentido de imaginologia, ou seja, indica contexto (-ia) do estudo (*logos*) de imagem (*imaginis*). Com o constituinte *imagi-*, os dicionários trazem *imagicida*, *imagicídio*. Em termos como *imagismo*, *imagista*, *imagístico* e outros casos, o antepositivo se torna mais breve ainda: *imag-*.



Foto: Divulgação

Outras questões

Acrescenta-se que imaginologia lembra o verbo imaginar, o que não ocorre com imagenologia. Talvez, em virtude de haver questões relacionadas a ambas as grafias, muito se usa a expressão *exame de imagem* e similares.

Em outro aspecto, para quem prefere não usar neologismos, expressões como *métodos de imagem*, *procedimentos de imagem*, *exames por imagem*, *diagnóstico por imagem* são opções de uso. Contudo, palavras novas bem formadas e necessárias devem ser bem acolhidas. Já se registraram Congresso de Radioimagenologia, 8º Congresso Catarinense de Técnicas Radiológicas e Imagenologia, Glossário de Imagenologia e Exames Médicos e, na linguagem médica, já aparece o termo *imagenologista*, quando esse profissional se ocupa de diagnóstico por imagens também oriundas de ultrassom e ressonância magnética, tomografia com emissão de pósitrons, gamagrafia e outros métodos. Há também *imagiamento* em referência à produção de imagens (imagiamento de um linfoma, por exemplo). Ocorrem também muitas expressões com a forma imagenologia em contextos semelhantes aos retrocitados.

Os neologismos científicos são bem-vindos. Ensinam os linguistas que a linguagem primitiva era monossilábica, e o idioma português primitivo “era pobre e rude, servindo apenas para a expressão das necessidades da vida doméstica, pastoril, agrícola ou guerreira”;¹ entretanto, “quanto mais operoso um povo, tanto maior o vocabulário; quanto mais

fecundo um aglomerado [...], tanto mais premente a necessidade de enriquecimento de expressões e de palavras adequadas aos inventos, às táticas bélicas, às modalidades de comércio”².

Além da boa formação vocabular, o uso deve ser considerado. Ensina Faraco³, com razão, que o uso é a verdadeira autoridade em linguagem. Nesse contexto, observa-se, em um exemplo de referência de uso geral, que há mais ocorrência de imagenologia que imaginologia nas páginas de busca da rede mundial de computadores. Em acesso recente, o Google mostrou 63.500 registros do primeiro e 7.890 do segundo. Mas é preciso cogitar em meios que evitem rejeições, especialmente as advindas de especialistas profissionais diplomados em linguagem por sua autoridade legalmente outorgada pela União. A formação irregular de termos técnicos e científicos tem suscitado questionamentos. Como exemplo, registra-se no Stedman que “cunhagens falsas são com frequência produzidas às pressas para satisfazer a necessidade do momento, sem levar em consideração os padrões etimológicos ou os princípios filológicos”⁴.

É oportuno acrescentar que, nas denominações em questão, há ainda hibridismo,

isto é, formação de nomes com elementos de línguas diferentes (*imagine*, do latim; *logos* e *ia* do grego), caso impugnado por autorizados gramáticos, salvo não haja opções para melhor uso. A forma não híbrida seria iconologia (do grego *eikón*, imagem), lexema existente no léxico, mas relacionado a expressões da arte, como pinturas, modelos, esculturas.

Convém acrescentar ainda que, algumas vezes, os termos imagenologia e imaginologia são desadequadamente empregados, como nas construções: imaginologia muito (ou pouco) penetrada, imaginologia com artefatos. Nesses casos, se refere à radiografia ou outro processo com revelação de imagem, não ao estudo por imagens em si.

Comentários finais

Tendo em vista o exposto, imaginologia e imaginológico, com radical *imagin-*, configuram opções mais adequadas em confronto com as demais correspondentes com as grafias *imagen-* ou, *imagi-*.

Por fim, consideram bons linguistas que todas as formas existentes na linguagem é patrimônio do idioma, mas reitera-se aqui um caso restrito, em que a ocorrência de mais de um nome para designar uma só

coisa é fato que consta em ciência como imperfeição terminológica⁵ por suscitar dúvidas por confundimentos, obscuridade, falta de clareza. Nesse cenário de muitas denominações, convém determinar um nome consensual que possa ser utilizado sem questionamentos ou, ao menos, com menor número de questionamentos.

Referências

1. COUTINHO, I. L. Gramática histórica, 5.a ed., Livraria Acadêmica: Rio de Janeiro, 1962.
2. ALMEIDA, N. M. de. Dicionário de questões vernáculas, 3.a ed., Ática: São Paulo, 1996.
3. FARACO, C. A. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.
4. STEDMAN, T. L. Dicionário médico, 25.a ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. xxviii, 1996.
5. REZENDE J. M. Linguagem médica, Goiânia: AB Editora, p. 262, 2004.

Dr. Simônides Bacelar

É MÉDICO E PESQUISADOR EM LÍNGUA PORTUGUESA –
INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA